

O Faz de Conta e o Desenvolvimento Infantil

*Elisangela Modesto Rodrigues de Oliveira*¹
*Juliana de Alcântara Silveira Rubio*²

Resumo

A finalidade deste trabalho é mostrar a importância da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento infantil (afetivo, cognitivo, motor e social). Analisar qual a importância e quais estímulos a escola atribui ao desenvolvimento da compreensão do mundo real por meio do mundo imaginário da criança. Visto que a brincadeira de faz de conta (jogo simbólico) permite à criança a capacidade de imitar, imaginar, internalizar regras, enfrentar seus medos e angústias, conquistando assim, sua autonomia.

Palavras-chave: Faz de conta, Desenvolvimento infantil, Prática docente.

1- Introdução

A brincadeira de faz de conta promove para a criança um momento único de desenvolvimento, no qual ela exercita em sua imaginação, a capacidade de planejar, de imaginar situações lúdicas, os seus conteúdos e as regras existentes em cada situação.

Por meio da brincadeira a criança consegue comunicar-se com o mundo do adulto, no qual adquire controle interior, autoestima e confiança em si mesma, levando-a a agir de maneira mais ativa para que vivencie experiências de tomada de decisões, como por exemplo, comer sozinhos, vestir-se, fazer amigos, entre outros.

O brincar de faz de conta permite à criança a construção do mundo real, pois brincando ela trabalha com situações que vive no social, podendo assim, compreendê-las melhor. De acordo com Freud apud KISHIMOTO (2003, p.57).

Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu próprio mundo ou, dizendo melhor, enquanto transpõe elementos formadores de seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela.

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Professora orientadora.



Assim, aborda-se também a docência, pois os professores devem ter conhecimento da importância do brincar, (em especial o brincar de faz de conta) enfatizando o desenvolvimento social da criança.

2- A importância do faz de conta

A infância tem uma característica muito forte que é marcada pelo brincar, e é pelo brincar, e em especial, a brincadeira do faz de conta, que a criança pode reviver situações que lhe causam algum desequilíbrio emocional, possibilitando a compreensão da situação em que está vivendo e a reorganização de suas estruturas mentais. Portanto, o brincar auxilia a criança de muitas maneiras, passando a ser um fator importante para o seu desenvolvimento.

[...] é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz a relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (WINNICOTT, 1971, p.63)

O faz de conta permite que a criança utilize o seu mundo imaginário para que possa compreender o mundo real em que está inserida. Por meio da brincadeira a criança pode reviver momentos de dificuldades pelos quais está passando, possibilitando a ela uma posição privilegiada dentro da brincadeira no qual terá o poder de tomar decisões perante a sua visão.

Nas brincadeiras de faz de conta as crianças criam a capacidade de imitar, imaginar, representar sem medo da imposição do adulto. A partir do mundo que ela cria, ela conseguirá entender e internalizar regras no mundo em que está inserida.

A brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária. Ela surge com o aparecimento da representação e da linguagem, em torno 2/3 anos, quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e a assumir papéis presentes no contexto social. (KISHIMOTO, 2003, p.39).

Brincando, a criança cria muitas possibilidades de entrar no mundo adulto, fazendo justiça a algo que ela julga estar sendo injustiçada, tendo força para atuar



com mais facilidade perante um desafio, tendo o poder de controle sobre a situação, pois ela sabe que na vida real perante os adultos esse poder não existe, e ela tem que aceitar imposição exterior. Para Kishimoto (2003, p.68) ao brincar a criança sai do papel passivo para o ativo trazendo a ela oportunidade de enfrentar seus medos. Portanto, ela cria em seu mundo imaginário a sua maneira de adquirir poder, e vive seu momento de super-herói, tendo em sua mão o poder de governar o seu próprio destino. “Brincando, portanto, a criança coloca-se num papel de poder, em que ela pode dominar os vilões ou as situações que provocariam medo ou que a fariam sentir-se vulnerável e insegura”. (KISHIMOTO, 2003, p.66)

O brincar abre várias portas para a que criança tente resolver problemas tanto do presente, como do passado e ao mesmo tempo permite que a criança faça planos se projetando para o futuro. De acordo com Kishimoto (2003, p.66), a criança precisa deste momento para que possa entender o seu eu interior e que em muitos casos os pais ficam incomodados com as fantasias de seus filhos e acabam não permitindo à criança esse momento de faz de conta que é um dos momentos mais importantes para a vida dela.

Ao olharmos uma criança brincando, achamos que é uma simples ação sem reflexão, mas vale ressaltar que a atividade do faz de conta é de grande complexidade, que leva a criança a imitar a representação social possibilitando-a reviver situações que lhes causam alegria, medo, excitação, raiva e ansiedade, enfim, por meio da brincadeira as crianças expressam as emoções que mais necessitam ser trabalhadas para melhor compreensão. Segundo Kishimoto “ao prover de uma situação imaginativa por meio de uma atividade livre a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais”. (KISHIMOTO, 2003, p.43)

O brincar é uma característica da infância, direito assegurado pelo estatuto da criança e do adolescente, no artigo 16, inciso IV, no qual a liberdade compreende vários aspectos, entre eles, o brincar, praticar esportes e divertir-se, portanto, privá-las disso é não garantir o seu pleno desenvolvimento.

Em sua proposta pedagógica, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, cita o brincar como algo fundamental para o desenvolvimento da autonomia e identidade da criança.



Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de as crianças, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (REFERENCIAL CURRICULAR, 1998, p.22)

Na brincadeira a criança consegue aflorar sua criatividade sendo ela mesma, sem medo da imposição do adulto. Somente brincando a criança consegue viajar em um mundo ilusório cujo autor é ela, pois o brincar é uma atividade onde as crianças criam novos fatos, novos ambientes, novos brinquedos, dão novos sentidos as brincadeiras, conseguem representar, cantar, subir em palcos, dançar, tudo por intermédio da sua criatividade na brincadeira. De acordo com Winnicott (1971, p. 80) “é no brincar, e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”.

Winnicott (1971) cita o brincar como um caminho para se comunicar com a criança, já que a mesma ainda não possui o desenvolvimento da linguagem completa. É pelo brincar que a criança expressa seus sentimentos, libera suas tensões do cotidiano, é por meio dela que podemos entender e adentrar um pouco desse mundo cheio de significações.

O terapeuta busca a comunicação da criança e sabe que geralmente ela não possui um domínio da linguagem capaz de transmitir as infinitas sutilezas encontradas na brincadeira por aqueles que a procuram. (WINNICOTT, 1971, p. 61)

Segundo a teoria de Piaget (1967) a brincadeira de faz de conta ou o jogo simbólico, como também é conhecido, seria o método ou refúgio que a criança usa para poder assimilar e acomodar a realidade em que está submetida. Para que isto aconteça, os esquemas do intelecto da criança passam por profundos desequilíbrios, pois as crianças tendem a agir egocentricamente, passando então a assimilar somente o que é de seu interesse, procurando primeiramente a sua satisfação e não a busca pela verdade. Segundo Vygotsky (2000, p.16) “a imaginação é importante para se descobrir a solução de problemas, mas não se preocupa com a verificação e a comprovação que a busca da verdade pressupõe”.



Em primeiro lugar, da mesma forma que a inteligência prática busca o êxito antes da verdade, o pensamento egocêntrico, na medida em que a assimilação ao eu, tende à satisfação e não à objetividade. A forma extrema dessa assimilação aos desejos e aos interesses próprios é o jogo simbólico ou jogo da imaginação, no qual o real é transformado ao sabor das necessidades do eu ao ponto de as significações que o pensamento comporta poderem permanecer estritamente individuais e incomunicáveis. (PIAGET, 1967, p. 369)

Para Piaget (1967), o processo de assimilação e acomodação acontece devido à interação da criança com o seu meio, trazendo para elas a necessidade de reorganizar suas estruturas mentais ao modo que esta possa chegar a um equilíbrio, pois a assimilação e acomodação agem de forma contrária, uma vez que a assimilação serve para a criança em sua fase egocêntrica, um meio de realizar suas vontades, a acomodação implica em mudanças internas para aceitação da realidade externa.

De maneira inversa, a constituição dos esquemas por assimilação implica a utilização de realidades exteriores às quais tais esquemas são forçados a acomodar-se, por mais grosseiro que isso seja. A assimilação e a acomodação são, portanto, os dois pólos de uma interação entre o organismo e o meio que é a condição para qualquer funcionamento biológico e intelectual e tal interação supõe, já de início, um equilíbrio entre as duas tendências dos pólos contrários. (PIAGET, 1967, p.360)

A fase egocêntrica faz com que a criança veja o mundo somente à sua maneira, sem se preocupar com quem está a sua volta e acha que todos pensam da mesma maneira que ela pensa. Também é nesta fase, que ela cria a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por representações e esta substituição acontece devido à sua função simbólica.

Todo esse processo é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois é um meio que a possibilita agir com mais facilidade com o mundo real. Outro aspecto bastante importante que acontece devido à fase do egocentrismo, é o desenvolvimento da fala egocêntrica. Para Piaget apud Vygotsky (2000) é um meio de expressão e liberação de tensão, tornando-se assim, um instrumento do pensamento que servirá para a busca e o planejamento da solução de um problema. Segundo Vygotsky (2000, p.27)

[...] a fala egocêntrica não paira no vazio, mas tem uma relação direta com o modo que a criança lida com o mundo real. Vimos que isso é

parte integrante do processo de atividade racional, adquirindo inteligência, por assim dizer, a partir das ações intencionais da criança, que ainda são incipientes; e que a fala egocêntrica vai, progressivamente, tornando-se apropriada para planejar e resolver problemas, à medida que as atividades da criança tornam-se mais complexas.

Com o passar dos anos o jogo simbólico faz com que a assimilação e a acomodação cheguem a um equilíbrio e uma maturação por parte do pensamento, permitindo à criança uma reflexão sobre sua atitude e seu ponto de vista. Isso se torna possível por que a imitação se faz presente no jogo simbólico, e é por meio dela que a acomodação acontece, permitindo novas significações que servirão como instrumento para novas assimilações e o desenvolvimento de sua inteligência.

Mas isso não se destina absolutamente a dizer que, com o desenvolvimento do pensamento no sentido operatório, a imitação regrida ou a acomodação se estreite: ao contrário, é a inteligência que se amplia sem cessar. A coisa é fácil de compreender, pois a atividade inteligente é uma colocação em equilíbrio da assimilação e da acomodação e a imitação é um simples prolongamento desta última; dizer que a imitação se reintegra na inteligência, significa, portanto, simplesmente, que a acomodação, a princípio em desequilíbrio em relação à assimilação nos inícios do período representativo (e já se viu por que), tende a se reequilibrar com referência a ela. (PIAGET, 1964, p.365)

Portanto, baseadas na teoria piagetiana, podemos afirmar que a brincadeira de faz de conta ou jogo simbólico possibilita para a criança a aquisição de novos conhecimentos e novos esquemas em seu intelecto, que as ajudarão a superar obstáculos e a aceitar com mais facilidade o mundo real em que ela vive, levando-a assim, ao seu pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

2.1- O papel do brinquedo

O brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar. (KISHIMOTO, 2003, p.68)

Para Vygotsky (2007), o brinquedo tem como objetivo satisfazer os desejos imediatos da criança em idade pré-escolar, uma vez que nesta faixa etária o período

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 - 2013



entre um desejo e a sua realização é muito curto, tornando assim, o brinquedo algo importante e necessário para o seu desenvolvimento e amadurecimento. Quando uma criança se encontra na idade pré-escolar seus desejos começam a aparecer e a não realização do mesmo causará a ela uma irritabilidade muito grande. A função do brinquedo é exatamente fazer com que estes desejos se tornem realizáveis. Para Vygotsky, se não existissem os desejos, logo não existiriam os brinquedos.

Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. (VYGOTSKY, 2007, p.108)

O brinquedo tem para criança um significado muito forte, pois é a ponte que liga a imaginação à brincadeira. Com ele a criança pode imaginar e dar novos significados tanto a objetos que não seja necessariamente um brinquedo, como aos brinquedos.

É preciso deixar claro que a substituição de significados aos brinquedos e outros objetos não acontece de forma esporádica para a criança, mas sim de uma maneira bastante complexa, demonstrando uma grande estruturação de sua inteligência. Um exemplo disso que Vygotsky nos traz, é que a criança quando pequena faz de um cabo de vassoura um cavalo, já se mostrarmos a ela um palito de fósforo e falar para ela que o palito pode ser um cavalo, ela falará que não. Por que para um cabo de vassoura se transformar em um cavalo, a criança precisou do que Vygotsky chama de pivô, ou seja, precisa de um objeto de transição que seria um cavalinho de pau, o que não acontece no caso do palito. “Ela não pode separar o significado do objeto, ou uma palavra do objeto, exceto usando alguma outra coisa como pivô”. (VYGOTSKY, 2007, p.117)

À medida que a criança vai se desenvolvendo esse objeto de transição vai perdendo o seu valor, e ela já consegue fazer isso de uma maneira menos complexa, o que acontece com mais evidência quando somos adultos. Para nós a substituição de significado de um objeto ao outro, se faz de uma maneira mais fácil do que para uma criança, pois o adulto já consegue separar um objeto do seu significado real podendo dar outro significado para ele.



É claro que, para os adultos que podem fazer um uso consciente dos símbolos, um cartão-postal *pode ser* um cavalo. Se eu quiser representar alguma coisa, eu posso, pegar um palito de fósforo e dizer: “isto é um cavalo”. Isso seria o suficiente. (VYGOTSKY, 2007, p.116)

Em meio a toda essa substituição de valores aos objetos, podemos destacar situação imaginária em que o brinquedo ou objeto está inserido. A situação imaginária faz com que o brinquedo, a brincadeira e a representação se tornem possíveis. O brinquedo sem uma situação imaginária se resumiria somente às imposições das regras. Para Vygotsky (2007, p.111) não existe brinquedo sem uma situação imaginária e não existe uma situação imaginária sem regras.

Vale ressaltar que a situação imaginária da criança nem sempre tem muito de imaginário, pois se existe uma situação imaginária é porque algo na realidade da criança não está sendo bem compreendida por ela. Tudo que a criança imagina em seu brincar tem uma ligação direta com o mundo real em que está inserida.

Vygotsky (2007), cita que nem sempre uma situação imaginária é algo fortuito na vida da criança, pois ela acaba se tornando um refúgio, ou seja, se torna um caminho mais fácil para que ela realize seus desejos imediatos. Porém, em contraponto ele ressalta que somente à luz de uma situação imaginária é que a criança consegue fazer um percurso mais complexo de seus pensamentos, internalizando regras externas e assim chegando ao seu prazer.

Aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se às regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição às regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer no brinquedo. (VYGOTSKY, 2007, p.117)

Portanto, o brinquedo se torna para a criança, um meio que utilizará para desenvolver sua capacidade de se adaptar e aceitar as regras do mundo adulto. No brinquedo a criança busca por soluções e o seu prazer imediato, e por mais que ela busque a sua “verdade”, ainda estará em conflito, pois sabe que o certo a fazer nem sempre é o que deseja que aconteça. Então utiliza da brincadeira para poder aceitar aquilo que a está incomodando, e na medida em que ela consegue agir contra a sua vontade, vai conseguindo chegar ao seu prazer imediato, ou seja, quanto mais consegue vencer seu obstáculo, que é a renúncia das suas vontades, mais isso lhe causará prazer, o que antes era um conflito, se transforma em uma solução.



O brinquedo é para a criança um mediador entre a realidade externa da imposição do adulto, suas vontades e a veracidade sobre o que é realmente certo a fazer, é no brinquedo que ela aprende e entende a vida social que está a sua volta e a realidade que a rege. Pode-se afirmar que essa posição que o brinquedo se encontra na vida da criança é o que podemos chamar de zona de desenvolvimento proximal, que Vygotsky (2007, p.97) define como:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através de solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Deste modo podemos definir o brinquedo, o brincar e a brincadeira de faz de conta como essencial e insubstituível para o desenvolvimento da criança. “A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo” (VYGOTSKY, 2007, p.122).

Não proporcionar isso para a criança é privá-la de um momento único, cheio de fantasias, imaginações e significações, das quais somente ela terá o poder e o domínio de interferir e intermediar suas próprias ações e saberá qual é o caminho certo a seguir para que consiga chegar ao seu equilíbrio e ao seu pleno desenvolvimento.

3- O papel do professor

Para Perrenoud (2000), trabalhar na área educacional é muito mais do que se pode imaginar, pois exige em primeiro lugar que o educador saiba gerenciar sua própria qualificação, buscando aprimoramento e a atuação de suas competências e habilidades. Desta forma podemos entender que a importância do exercício permanente do conteúdo adquirido se faz necessária para obtenção de um melhor resultado no desenrolar de aprendizagens, projetos, pesquisas e todos os demais itens relacionados ao âmbito escolar. “[...] a liberdade só se gasta se não for usada” (jornal Canard Enchaîné apud PERRENOUD, 2000, p.155).

Ainda de acordo com Perrenoud (2000), isto é uma questão de capacitação pessoal e profissional, envolvendo todos os interessados, como: familiares, educandos, educadores e funcionários. Para tanto, existe a necessidade de se Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 - 2013



pensar e repensar os conteúdos e a metodologia a serem aplicadas, pois a sociedade e a escola estão em constante mobilidade. “O exercício e o treino poderiam bastar para manter competências essenciais se a escola fosse um mundo estável”. (PERRENOUD, 2000, p.155)

Segundo Vries e Zan (1998), repensar suas formas de relacionar-se é necessário para obter o bom andamento em sala de aula, pois este proceder auxiliará o professor a estimular o interesse e o desenvolvimento de seus alunos.

Diante dos obstáculos atuais, Perrenoud (2000) cita que é inevitável que o educador se disponha a aperfeiçoar seus conhecimentos, com o objetivo de responder rápida e eficazmente a situação em questão. Com isto, cria situações de interação e identificação com os alunos, é claro que esta prática não é algo novo, mas que se faz preciso para o fortalecimento desse relacionamento humano e institucional, e que muitas vezes passa despercebido pelo educador pela correria do dia-a-dia.

Portanto, faz-se necessário que o educador repense suas aptidões, seus métodos e práticas, seus alvos e seu envolvimento com o outro. “[...] saber administrar sua formação contínua, hoje, é saber escolher com discernimento entre diversos cursos em um catálogo”. (PERRENOUD, 2000, p.158)

Há alguns anos não se falava, ou melhor, não existia e nem havia interesse em formação contínua e explicitação das práticas pedagógicas, principalmente aqui no Brasil, o seu enfoque era apenas baseado na formação profissionalizante, contudo sua prática real aconteceu num momento de reflexão e debates. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

A constatação dessa realidade nacional diversa e desigual, porém, foi acompanhada, nas últimas décadas, de debates a respeito das diversas concepções sobre a criança, educação, atendimento institucional e reordenamento legislativo que devem determinar a formação de um novo profissional para responder as demandas atuais de educação da criança de zero a seis anos. (REFERENCIAL CURRICULAR PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p.39).

De acordo com Perrenoud (2000), seria um absurdo tornar a formação contínua e a explicitação das práticas uma imposição ou algo equivalente aos alunos, o importante é a autoformação e constante reflexão. Uma reflexão não baseada em seus próprios anseios, mas algo profundo que traz a disposição de

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 - 2013



aprendizagem permanente, por meio de experiências e de mudar a sua prática anualmente. Essa prática reflexiva traz grandes benefícios, mas que implicam o sair da zona de conforto, pois produz outras práticas e competências.

Segundo Perrenoud (2000) para que seja então melhor exercida e compreendida a reflexão, é preciso antes de tudo ter sabedoria, discernimento, buscando o equilíbrio entre a autosatisfação conservadora e a autodifamação destruidora, tendo clareza profissional respeitando as necessidades pessoais usufruindo a vida em sua plenitude. É importante ressaltar que o exercício de clareza só é completo se for compartilhado, sabendo, portanto, que o compartilhar é expor, relatar, dividir as práticas sem medo das críticas ou das opiniões.

Para Perrenoud, há muitas maneiras de demonstrar a prática, expondo os problemas vivenciados em sala de aula e das conquistas que foram alcançadas com dedicação e esforço, por meio de observação e estudo da situação existente, contando com alternativas para solucionar os desafios.

Nessa abordagem, a capacidade de prestar contas não é a do contador, que alinha cifras, mas do especialista que descreve e comenta sua prática com o outro profissional, capaz de julgar as competências profissionais em jogo e de reportar a um feedback formativo. (PERRENOUD, 2000, p.161)

O gerenciamento do educador em relação à reflexão pode acontecer de várias maneiras, sendo mais indicado que se faça naturalmente, por meio do exercício diário. Deve existir o cuidado de observar as falhas e os erros para corrigi-los, extraíndo assim, experiências que dependerão da reflexão.

Para Perrenoud (2000), a vida proporciona oportunidades de adquirir experiências e aprendizados com o auxílio da reflexão, que deve ser acompanhada de conhecimentos que facilitam a tomada de decisões diante de situações inesperadas, como: atos violentos, casos de urgências, no qual o erro é inaceitável. Nestes casos, o trabalho em equipe é importante, pois, professores e diretores precisam sabiamente agir quando a rotina for quebrada.

De acordo com Perrenoud (2000), para obtenção de resultados satisfatórios, não basta uma simples reflexão sobre a prática pedagógica, mas uma reflexão comprometida com a transformação ousada, porém de qualidade; entendendo com



clareza profissional quando há necessidade de utilizar ou não os recursos de autoformação, como: projetos, leituras, pesquisas e outros, nada impede de usar os modelos existentes, contudo é preciso adequá-los.

Pode-se lastimar que os formadores se empenhem muito frequentemente em convencer de uma ortodoxia, quando seu aporte principal é alimentar um processo de autoformação, enriquecer e instrumentar uma prática reflexiva através do modelo: “mais vale ensinar a pescar, do que dar um peixe”. (PERRENOUD, 2000, p.163)

A autoformação não é obrigatória e infelizmente acaba sendo vista com maus olhos por todos. Dessa maneira, Perrenoud (2000) cita que muitos educadores permanecem acomodados com os conhecimentos adquiridos no início, outros por si só são autodidatas. É preciso que os educadores se sintam envolvidos num dinâmico elo de formação contínua, com a convicção de um retorno positivo para o seu trabalho.

Conforme Perrenoud (2000), muitos profissionais tentando fazer a escolha certa para dar sequência à formação, se deparam com inúmeras propostas de cursos e métodos, deixando-se envolver por aquilo que parece ser atual e eficiente, resultando apenas em queda e decepção, não atendendo a realidade de seus alunos. Sendo assim, o melhor caminho para se fazer essa escolha é olhar para dentro de si, entendendo suas expectativas e reconhecendo com humildade suas limitações, ajustando-as convenientemente para uma melhor maneira de formação. Todavia, essa escolha não deveria ser imposta por parte da direção, mas sim, naturalmente, partindo dos educadores, que compreendem a necessidade em questão.

Percebe-se por todos os lados o interesse pela formação de grupos nas escolas para troca de experiências e práticas, a qual pode trazer bons resultados, a partir do momento em que o corpo docente queira se envolver e compreender a proposta; afinal estão vivenciando a mesma realidade escolar, sendo que os cursos de formação contínua fora do estabelecimento de trabalho afastam o profissional e nem sempre oferece a capacitação necessária para desenvolvimento de seus projetos. Para tanto, é preciso empatia e cumplicidade do grupo. A iniciativa pode partir de um dos educadores que queiram contagiar os colegas com essa proposta, não perdendo as oportunidades e não se calando quando a resposta for negativa.



Podemos ressaltar também a importância dos professores em conhecerem e se interessarem sobre o desenvolvimento administrativo escolar, não que esta seja uma regra a todos, afinal ainda precisamos de educadores em sala de aula que medeiam o aprendizado dos alunos, pois é por meio dessa experiência que o profissional adquire habilidades para organizar, dirigir e desenvolver novos projetos pedagógicos e institucionais. Com essa visão compreende-se a amplitude de conhecimentos oferecidos em função desse exercício como: administrativo, político, econômico, sociológico e jurídico.

Compreende-se também, segundo Perrenoud (2000), que ensinar não é o simples ato de transferir o que sabe, é necessário o mínimo de capacitação para preparar outros profissionais. O que se torna mais visível aos iniciantes do que aos companheiros de trabalho. É constatar por uma auto-avaliação, o que transmitir, pois nem tudo o que se sabe é essencial ou correto ao ensino.

De acordo com Perrenoud (2000), um educador experiente tem maturidade para com, sabedoria aceitar e responder às diversas reações de outras pessoas, por exemplo, um estagiário, que observando sua atuação levanta uma questão, extrai desse momento uma oportunidade de crescimento para ambos. O mesmo ainda não acontece na formação contínua, pois nem todos estão receptivos, dispostos a envolver-se nessa proposta de observação, troca de feedback.

Pode-se imaginar que a formação mútua, sob diversas formas, progredirá no decorrer dos próximos anos, uma vez vencidos os medos que surgem à idéia de trabalhar sob o olhar de um colega experiente. (PERRENOUD, 2000, p.169)

Por muito tempo a tarefa de gerenciar a formação contínua esteve nas mãos somente da direção escolar, porém essa formação vai além e necessita da cooperação e diálogo com total comprometimento daqueles que fazem parte do âmbito escolar (formadores, voluntários, ente outros). Os educadores deveriam se apropriar da responsabilidade e intervir nas decisões relacionadas à formação contínua.

Além das ideias de Perrenoud (2000), Piaget (apud Vries e Zan, 1998), também contribui para atuação do professor, esclarecendo que os relacionamentos pessoais e o meio, determinam o modo pelo qual o indivíduo, desde criança, Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 - 2013



compreende e vivencia o mundo. “Não é o modo de ser do indivíduo, que explica o seu modo de relacionar-se, mas são as relações sociais em que este está envolvido, que explicam o seu modo de ser” (Pino apud Zanella e Andrada, 2002, p.131).

Portanto podemos definir a educação infantil como parte fundamental desta construção do relacionamento da criança com o meio, é a escola junto do seu corpo docente que será uma das grandes responsáveis pela inclusão da criança no convívio social. “A instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas” (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, Vol. II, p.11).

Referindo-se as relações morais, podemos citar a teoria de Piaget (apud Vries e Zan, 1998), que esclarece as relações afirmando que existem dois tipos de moralidade: a heterônoma, que é a necessidade da criança de receber regras exteriores e a autônoma, que seria quando a pessoa já tem as suas próprias regras internas e pessoais, e as utiliza para auxiliá-la em seus relacionamentos. No entanto, de acordo com as autoras DeVries e Zan (1998), somente a heteronomia é trabalhada nas escolas pelos professores, pois, os mesmos desejam que os alunos aprendam a respeitar o próximo, mas desde que parta da sua imposição, de seus ensinamentos e não da vontade própria dos alunos, fazendo com que a autonomia não seja trabalhada.

Segundo DeVries e Zan (1998), isso pode ser encontrado dentro da sala de aula nos relacionamentos entre colegas, que normalmente não são bem vistos pelos educadores (heteronomia), porém na autonomia esta prática é saudável, desde que o mediador saiba extrair experiências, no qual os educandos aprendam a lidar com problemas que fazem parte do seu cotidiano, pois esses relacionamentos podem acontecer por afinidades ou não, desenvolvendo desta forma o ajuste intelectual e social por meio da solidariedade.

Pode-se também ressaltar, segundo Piaget (apud DeVries e Zan, 1998), que existem dois tipos de relacionamentos: o coercivo e o cooperador.

O relacionamento coercivo ou também conhecido como controlado, está ligado à heteronomia ou simplesmente à obediência. Os adultos apenas preenchem as crianças de informações, impedindo que as mesmas expressem seu senso crítico, promovendo assim, uma revolta explícita ou implícita na criança. Contudo, a



obediência é necessária; a diferença está no modo pela qual ela será aplicada, que segundo Piaget (apud DeVries e Zan, 1998), deve ser “baseada no amor”, ao contrário disso, pode-se encontrar apenas atitudes egoístas e seres intelectualmente desajustados. “As crianças podem conformar-se no comportamento, mas os sentimentos e crenças não podem ser tão facilmente controlados” (DEVRIES e ZAN, 1998, p.57).

A cooperação conforme Piaget (apud DeVries e Zan, 1998), encontra-se nas pessoas autônomas. No entanto ela precisa ser trabalhada desde já nas instituições de educação infantil para que se possam formar cidadãos autônomos. “Um projeto de educação que almeja cidadãos solidários e cooperativos deve cultivar a preocupação com a dimensão ética, traduzindo-a em elementos concretos do cotidiano da instituição” (REFERENCIAL NACIONAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, vol. II, p.15). Uma das características marcantes desse relacionamento é o respeito, pois cooperação é sinônimo da busca pelo interesse comum.

Wallon (1975, apud Almeida, 2004), enfatiza que o respeito pelos alunos é um dos principais fundamentos que rege o professor em sala de aula. A palavra respeito/respeitar, segundo o Novo Dicionário Aurélio (1986, apud Almeida, 2004), tem vários sinônimos, entre eles: olhar muitas vezes para trás; [...] “tratar com reverência ou acatamento; tomar em consideração, ter em conta, atender a, considerar; seguir as determinações de, cumprir, observar, acatar; estar na direção, estar voltado, apontar”. (ALMEIDA, 2004, p.81).

O respeito do professor para com seu aluno abrange a palavra como um todo, se o professor quando entra em uma sala de aula tem a consciência disso, a sua missão começa por um simples ato, então podemos dizer que sua aula sempre estará voltada para o desenvolvimento de seus alunos. “Enfim, é da disposição de o professor *estar na direção, estar voltado* para seu aluno que dependerá a marca de sua contribuição ao desenvolvimento do aluno que lhe for confiado.” (ALMEIDA, 2004, p.82).

Para Almeida (2004), respeitar o aluno significa não limitá-lo em seu desenvolvimento, oferecer a ele vários meios para que desenvolva suas ações, proporcionar a autonomia e acolhê-lo sempre, procurando conhecê-lo melhor para



que possa entender qual é o ponto de desenvolvimento em que ele se encontra, e trabalhar para que consiga levá-lo ao seu pleno desenvolvimento.

Conforme Almeida (2004), a observação é uma grande aliada do professor que tem como princípio o respeito mútuo dentro da sala de aula. É a observação que leva a uma análise mais profunda sobre o aprendizado. O olhar diferenciado é que faz com que o professor possa diagnosticar e assim induzir os seus alunos ao desenvolvimento.

[...] o professor precisa ser um arguto, lúcido, constante observador de seu aluno. Observador da criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada; observador da criança em cada um de seus domínios funcionais. (ALMEIDA, 2004, p.82)

Segundo Almeida (2004), existem alguns pontos que são importantes para nortear a observação do professor em sala de aula: A observação da emoção do seu aluno perante os novos conhecimentos e novos desafios dos quais ainda se vê em uma situação de inabilidade, dando ao professor a oportunidade de ajudá-lo a superar uma situação de desequilíbrio; A observação da afetividade, onde o professor verá quais são os pontos que a criança precisa mais de afeto para que possa tentar superá-los; A observação das manifestações de sua inteligência, dos obstáculos e desequilíbrios que o aluno passa para adquirir o conhecimento, e assim, poder ajudá-lo a chegar ao equilíbrio de sua mente; A observação da interação da criança com seu meio e suas atitudes perante ele, ao modo que possa envolver e acolher seu aluno para que se sinta parte integrante dessa vivência dentro da sala de aula; A observação das dificuldades que o aluno apresenta durante a sua aprendizagem, identificando-a e auxiliando-o a superar esses momentos que são extremamente difíceis.

A observação do professor em sala de aula se torna algo de muita importância em seu trabalho. De acordo com o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil, a observação juntamente com o registro de tudo o que acontece com seu aluno, leva o professor a ter uma visão ampla do que realmente acontece em sala de aula, o que cada criança aprendeu e o que ainda precisa aprender.

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles, o



professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças; (REFERENCIAL CURRICULAR PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, vol. I, p. 58)

Segundo Perrenoud (2000, p.48), “Nada substitui a observação dos alunos no trabalho, quando se quer conhecer suas competências”.

Como estamos vendo, ser professor não se resume simplesmente em entrar na sala de aula, dar o conteúdo e ir embora, mas sim, em atitudes e valores que vão desde o seu olhar diferenciado para a criança, o respeito, a reflexão sobre sua prática e a sua formação profissional, mostrando-se interessado e preocupado com o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de seu aluno.

[...] competente é o professor que, sentindo-se politicamente comprometido com seu aluno, conhece e utiliza adequadamente os recursos capazes de lhes propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido. Competente é o professor que tudo faz para tornar seu aluno um cidadão crítico e bem-informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive. (MOYSÉS, 2009, p.15)

Portanto, estas características devem ser atribuídas em especial ao professor de educação infantil, pois é ele um dos mediadores entre criança e o mundo social. É ele que será um dos responsáveis pela ampliação de conhecimento de mundo da criança, da interação desse aluno com o seu meio e principalmente ser um grande promotor da brincadeira de faz de conta na escola, pois como vimos, ela é uma excelente colaboradora para o desenvolvimento pleno da criança.

4- Considerações finais

A brincadeira de faz de conta permite que a criança interaja com o seu meio social e seus conflitos para que possa compreendê-los melhor e assim assimilá-los.

De acordo com Kishimoto (2003), a brincadeira significa sociabilizar as regras externas e o mundo adulto, ao qual a criança tem a consciência de que possui pouco poder e pouco pode fazer para mudar isto e ao brincar ela se coloca num papel de poder, em que pode dominar os vilões ou as situações que provocariam medo ou que a faria sentir-se vulnerável e insegura.

A criança recebe estímulos do meio social em que está inserida, e é este um dos responsáveis pelo desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, os quais são



internalizados e expressados por meio da brincadeira de faz de conta. De acordo com Pino, (1995 apud Zanella; Andrada 2002) as influências e as suas vivências sociais é que explicam o modo de ser de um indivíduo.

Perante esta afirmação, podemos concluir que um dos meios sociais de maior importância para a criança é a escola. É justamente a escola que tem uma participação ativa no desenvolvimento desta, de modo que consiga levá-la a conquistar a sua autonomia por meio da brincadeira.

Por meio dessa pesquisa constatamos que o brincar de faz de conta é um processo natural do desenvolvimento, ao mesmo tempo em que só se torna possível por meio da sua interação social.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Laurinda R. de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). **Henri Wallon psicologia e educação**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ALVES, A. C. da S.; DIAS, M. das G. B. B.; SOBRAL, A. B. C. **A relação entre a brincadeira de faz de conta e o desenvolvimento de habilidades na aquisição de uma teoria da mente**. Disponível em; <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2009.

BRASIL. Decreto- lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: < <http://www.eca.org.br/eca.htm#texto>>. Acesso em: 31 mai. 2009.

DEVRIES, Retha de; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil**. São Paulo: Artmed, 2005.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-71.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, LAURINDA R. de. **Henri Wallon Psicologia e educação**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEC. **Referencial curricular para educação infantil**. 1998. v. 1.



MEC. **Referencial curricular para educação infantil.** 1998. v. 2.

MOYSÉS, Lucia Maria. **O desafio de saber ensinar.** 13 ed. Campinas- SP: Papirus, 2009

OLIVEIRA, Marta K. de O. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** 4 ed. São Paulo: Scipione, 2000.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Revista do Departamento de Psicologia, Brasília, v.17, n. 2, p.61-76, jul./ dez. 2005.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** São Paulo: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança.** 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 24 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1971.

ZANELLA, A. V.; ANDRADA, E. G. C. de. **Processos de significação no brincar: problematizando a constituição do sujeito.** *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 127-123, jul./ dez. 2002.